

DISCUTINDO O BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL

Estudantes: Mariana Karina Da Silva Santos, Rafaela Borela Tropa Rabelo, Sophia Gomes De Ávila Luciano e Thays Santos Almeida.

Orientadores: Ana Cristina Ribeiro Vaz e Emerson Antônio Junio Gonçalves.

Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG

Avenida Antônio Carlos, 6.627 – Campus da UFMG – CEP: 31.270-901

E-mail: anaribvaz2@gmail.com e e-01@outlook.com.br

Resumo:

Bullying, termo da língua inglesa que tem como significado “valentão” se refere a todas as formas de atitudes agressivas verbais ou físicas intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente. Tais atitudes podem ser exercidas por um ou mais indivíduos, causando dores e angústia a quem as sofrem. Nas escolas de Educação Básica até pouco tempo atrás, ele era visto como fatos isolados de “briguinhas” entre os colegas e normalmente as famílias e as instituições de ensino não tomavam nenhuma atitude a respeito. Atualmente no Brasil, uma grande parte das escolas não está tão alheia a esse fato, uma vez que elas não se reconhecem como um local apenas para trabalhar o ensino formal, mas também como uma instituição preocupada com a formação cidadã de seus educandos, de direitos e deveres (FILHO, 2004). Percebendo a importância de se trabalhar o tema Bullying no ambiente escolar um grupo de alunos participantes da disciplina Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD) do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (CP/EBAP/UFMG) decidiu pesquisa-lo com o objetivo de sensibilizar os colegas, docentes e servidores técnicos da referida instituição de ensino sobre a importância do tema. Para alcançar tais objetivos os estudantes realizaram uma pesquisa bibliográfica em sites e revistas e elaborou e aplicou um questionário com questões fechadas sobre o Bullying no Brasil e no mundo, a uma mostra de 38 indivíduos com idades entre 10 e 50 anos. Com os resultados tabulados gráficos foram produzidos. Percebeu-se dentre os resultados obtidos que os indivíduos do sexo masculinos sofrem mais Bullying, que indivíduos agredidos se tornam geralmente agressores, que o Bullying geralmente é realizado em grupo e que a grande maioria dos entrevistados se comportou em episódios de Bullying como plateia. Diante do resultado o grupo destaca a importância de se trabalhar o tema no ambiente escolar, seja entre os jovens ou em debates em sala de aula mediados pelo professor.

Palavras-chave: Bullying, Escola, Sensibilizar.

INTRODUÇÃO

“[...] de forma quase “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas”. (SILVA, 2010).

O Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD) é uma disciplina que acontece no Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (CP/EBAP/UFMG) e tem como objetivo criar grupos de interesses entre os alunos para suprir defasagem no aprendizado ou avançar em uma área específica do conhecimento. O

referido trabalho foi realizado no GTD Trocando ideias sobre os Tabus Sociais (ou somente GTD Tabus, como era chamado pelos alunos) que apresentou como proposta de avanço trabalhar e discutir temas como intolerância religiosa, homossexualismo, ideologia de gênero, racismo, ética e respeito ao próximo. Na primeira etapa de desenvolvimento da referida disciplina, as dinâmicas das aulas baseavam-se em rodas de conversa da qual o professor mediava uma situação e todos discutiam sobre os referidos temas propostos. Na segunda etapa, os estudantes tiveram de colocar em prática o que aprenderam durante as atividades desenvolvidas e para isso foram divididos em grupos que deveriam pesquisar algum “tabu” social. No final das atividades do GTD, cada grupo apresentou para a turma o tema pesquisado. Esse trabalho foi realizado entre Fevereiro e Julho de 2017.

Neste período o grupo das estudantes Mariana Santos, Rafaela Borela, Sophia Gomes e Thays Almeida (alunas do nono ano de escolaridade – Terceiro Ciclo de Formação Humana – do CP/EBAP/UFMG) juntamente com o professor, bolsista do Programa Imersão Docente do Centro Pedagógico, o aluno da Graduação em Química, Emerson Gonçalves (UFMG), sob orientação da Professora Ana Cristina (CP/EBAP/UFMG), trabalharam sobre o tema Bullying na Escola.

Motivação do grupo para pesquisar sobre o tema:

O Bullying é uma prática que pode acontecer no ambiente escolar público e/ou privado e que envolve intimidação e humilhação entre indivíduos. Tal ato pode ocorrer entre todas as faixas etárias e suas consequências sobre quem sofre pode ser depressão, ansiedade, estresse, dor e até mesmo baixa da autoestima. As vítimas escolhidas por quem pratica o ato são, geralmente, deficientes físicas, altas, negras e/ou possuem sotaques diferentes (CHICOTE; MARTINS, 2009).

A prática de apelidar e/ou “zoar” alguém pode ter sido vista como inofensiva durante muitos anos, mas de acordo com Inácia (2016) e Oliveira (2016):

“[...] durante muito tempo, comportamentos como o de apelidar e/ou “zoar” de alguém pode ter sido vistos como inofensivos ou naturais da infância e da relação entre as crianças e adolescentes na escola, mas é importante salientar que o Bullying é um tipo de problema que se apresenta em forma diferente para cada situação”. (INÁCIA e OLIVEIRA, 2016, p.91).

Percebendo que o Bullying é um ato que ocorre no ambiente escolar, inclusive na escola em que estudam, as alunas supracitadas consideraram importante tratar sobre o assunto, bem como alertar os colegas, docentes e técnico-administrativos da instituição sobre a periculosidade do tema em tela.

De acordo com Álvarez (2016) no ambiente escolar é muito importante que os professores observem se algum indivíduo se encontra fora de um grupo de amigos ou se sente “salvo” em determinados locais. O autor também destaca que o Bullying é um ato que não acontece somente nas escolas brasileiras, mas também já foi detectado em todos os continentes do planeta e alguns com consequências trágicas. Em Madrid, o estudante Diego, cometeu suicídio após deixar uma carta aos seus pais alegando que não aguentava mais frequentar o ambiente escolar (ÁLVAREZ, 2016).

Sabe-se que tais truculências acontecem, entretanto nem sempre se pensa na dimensão do problema e nem no que pode acontecer ou ter acontecido com alguém que seja próximo a nós. Diante disto, o grupo de trabalho percebeu a importância de se pesquisar e depois socializar suas pesquisas.

METODOLOGIA

Para elaboração e realização do Projeto de Pesquisa, o grupo de trabalho se reunia semanalmente, no Laboratório de Informática do CP/EBAP/UFMG, para pesquisar em diversos sites sobre o assunto, elaborar os questionários que seriam aplicados na escola a colegas, docentes e/ou técnico-administrativos. Os encontros duravam 1h:20min, sempre às quintas-feiras, de 13h:10min até as 14h:30min.

No primeiro encontro para a construção do trabalho, o professor reuniu-se individualmente com o grupo para orientar sobre como a pesquisa deveria ser realizada e os cuidados que deveriam ter ao executar o trabalho e sugerir sites que poderiam ser consultados. Ainda no primeiro encontro o grupo, que desenvolveu a presente pesquisa, se reuniu para pesquisar em diversos sites informações relacionadas ao tema Bullying na escola e através dessa pesquisa buscar informações e dados para construir um questionário que visaria conhecer sobre o ato com os colegas de classe, docentes e técnico-administrativos.

Nos três encontros subsequentes as estudantes se reuniram no Laboratório de Informática da escola para pesquisar em sites o tema Bullying.

Destaca-se que todas as fotografias do presente trabalho são do arquivo pessoal do graduando do Curso de Química e autor do presente texto, Emerson Antônio Junio Gonçalves.

Foto 1: Estudantes pesquisando sobre o Bullying.

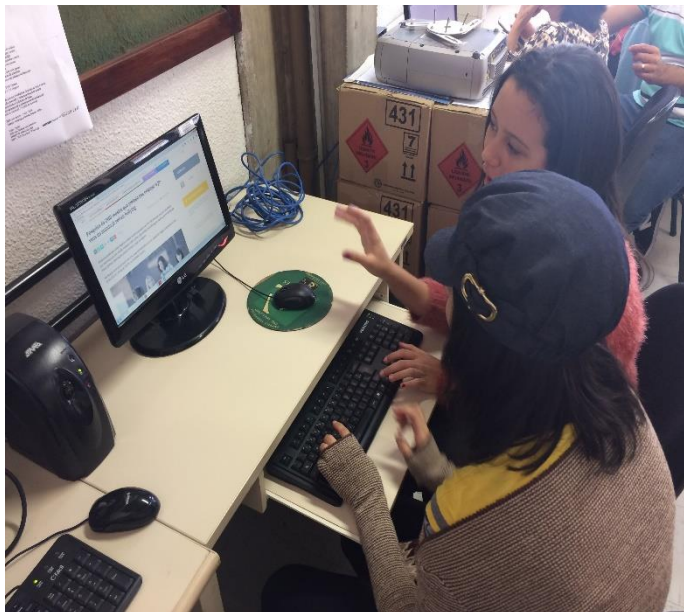
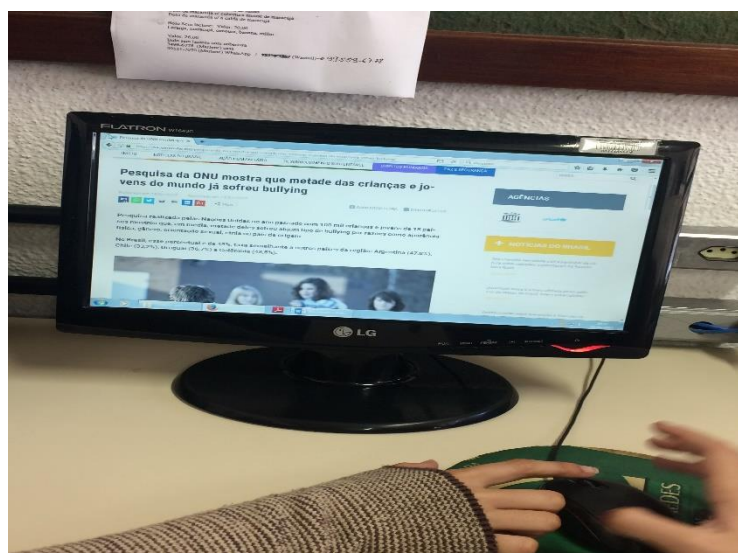


Foto 2: Imagem do site que instigou a pesquisa sobre o tema.



No quinto encontro as estudantes trabalharam na elaboração de um questionário. Após discutirem, sob a orientação do professor, deliberou-se que seria elaborado um questionário com questões fechadas de modo a facilitar a tabulação das respostas e gerar gráficos para analisar os resultados.

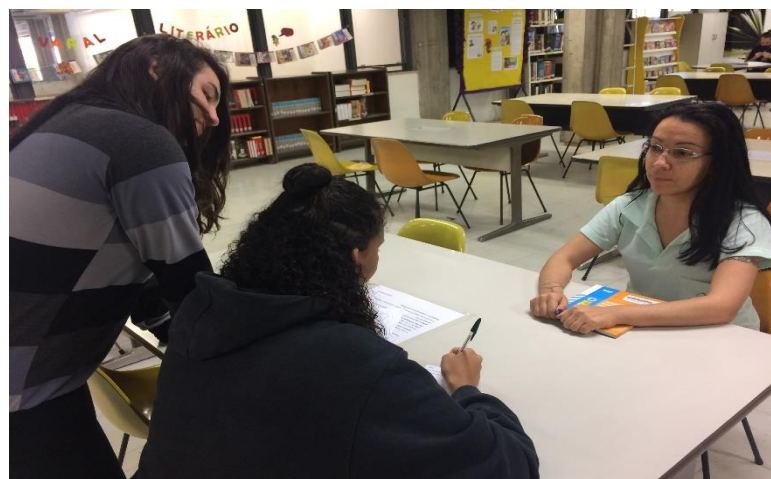
Foto 3: Professor Emerson orientando as alunas sobre como montar e estruturar um trabalho acadêmico.



O questionário a ser apresentado continha as seguintes questões: 1) Já sofreu Bullying? Se sim, com qual idade? Eram um ou mais autores? Homens e/ou mulheres? 2) Já praticou Bullying? Em grupo ou sozinho? 3) Já foi plateia para esse tipo de ato? Se sim, sentiu vontade de ajudar?

Além das perguntas as alunas decidiram investigar a idade e o sexo do qual a pessoa se identifica. Após a elaboração do referido questionário, as alunas dividiram-se em dois grupos para sua aplicação nos públicos escolhidos do CP/EBAP/UFMG (estudantes, docentes e técnico-administrativos).

Foto 4: Aplicação do questionário em uma servidora do CP/EBAP/UFMG



Com os dados da pesquisa em mãos chegou o momento de se tabular os resultados para que eles fossem apresentados de uma maneira a demonstrar que veridicamente o Bullying existe e que a maioria das pessoas ao nosso redor conhece ou já vivenciou alguma cena envolvendo o tema.

Foto 5: Análise e tabulação dos dados coletados com o questionário aplicado.



Após os dados serem tabulados e os gráficos confeccionados e de posse das pesquisas realizadas e das discussões entre o grupo de estudantes os resultados foram apresentados para a turma e para estudantes da graduação da UFMG que fazem parte do Programa de Imersão Docente, sob coordenação de docentes do CP/EBAP/UFMG e com bolsas da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”.
(FREIRE, 1968).

Em 06 de novembro de 2015, a presidenta da República Dilma Rousseff sancionou a Lei 13.815/15 que torna obrigatório em todo território nacional o Programa de Combate e a Intimidação Sistemática (Bullying).

“[...] intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por

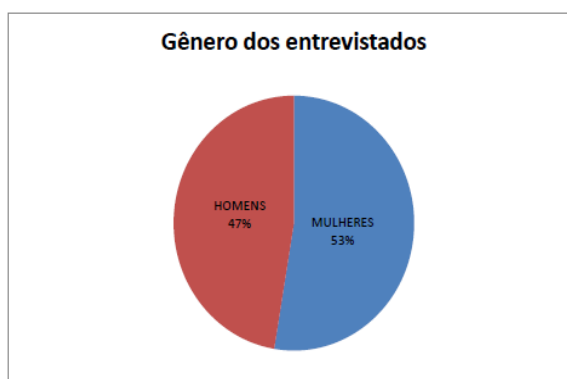
indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas”. (Brasil, 2015).

Quando se identifica o grupo mais vulnerável ao ato e os possíveis locais onde a truculência pode ocorrer se consegue colocar em prática ações que inibem o andamento dos atos e se cumpre o Artigo 4º da referida lei, que destaca os nove objetivos do referido Programa.

Para a pesquisa em tela, foram aplicados 38 questionários, com um total de 266 questões que foram respondidas por estudantes, docentes e técnicos administrativos da comunidade do CP/EBAP/UFMG, com faixa etária entre 10 e 50 anos.

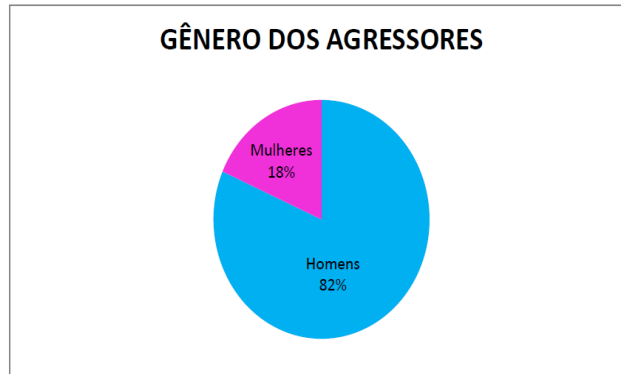
Na primeira questão do questionário, relacionada ao sexo com que os indivíduos “entrevistados” se identificam, obteve-se que: 53% se identificam com o sexo feminino e 47% do sexo masculino (Gráfico 1). O grupo tomou o cuidado de coletar dados de indivíduos dos sexos masculinos e femininos em proporções semelhantes para que os resultados ficassem com uma exatidão próxima.

Gráfico 1: Gênero dos indivíduos “entrevistados”.



Dentre os indivíduos que agrediam percebeu-se que entre os agressores 82% é do sexo masculino e apenas 18% do gênero feminino (Gráfico 2). Tal fato talvez seja devido ao fato de que os meninos para demonstrar a sua masculinidade entre seus colegas buscam às vezes demonstrar isso por meio da força física e da brutalidade o que faz com que busquem pessoas mais fracas e sensíveis para cometer o ato do Bullying e então esses terem sua masculinidade destacada.

Gráfico 2: Gênero dos agressores de Bullying.



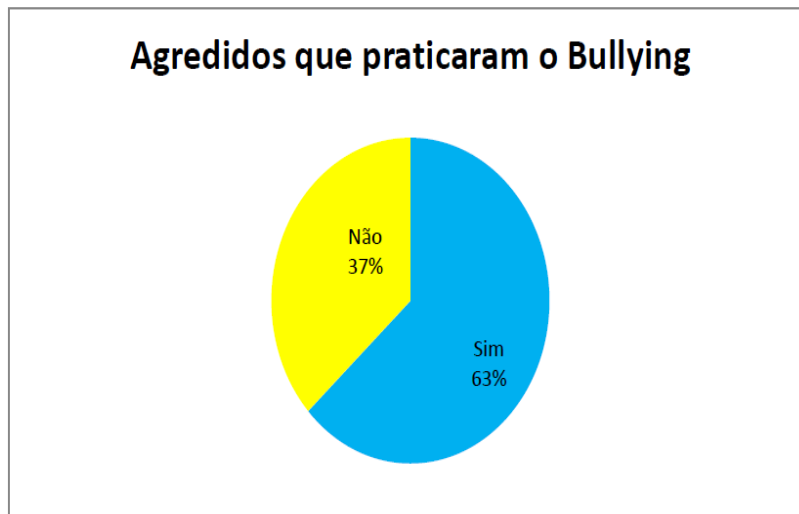
Quando tal intimidação acontece o agressor às vezes não tem coragem para agir sozinho e por isso em algumas situações acaba agindo em grupo com mais uma ou várias pessoas. Curiosos com o fato o grupo das estudantes desejou saber se esses indivíduos que agrediam agiam sozinhos ou em grupos, tendo como resultado que em 50% dos casos de Bullying na escola, as agressões ocorrem em grupo, que 8% dos casos havia apenas um(a) agressor(a). Interessante destacar que nesta questão 42% dos “entrevistados” não quiseram se manifestar sobre o assunto (Gráfico 3).

Gráfico 3: Porcentagem dos agressores que trabalhavam em grupo ou individualmente.



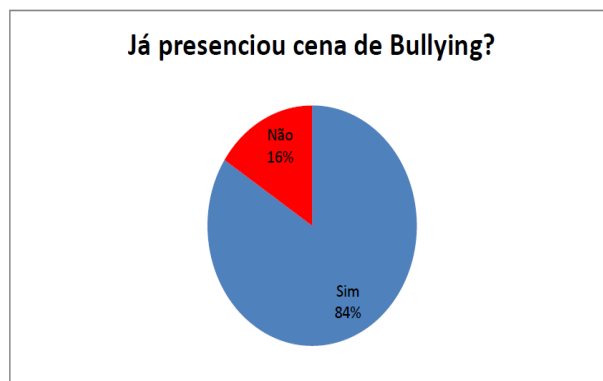
Na questão que se buscou investigar se os agredidos chegaram a ser os agressores após sofrerem as agressões ou até mesmo durante o período de serem os agressores, obtiveram-se como resultado que 64% indivíduos que sofreram Bullying se tornaram os agressores (Gráfico 4).

Gráfico 4: Porcentagem de indivíduos agredidos que se tornaram agressores.



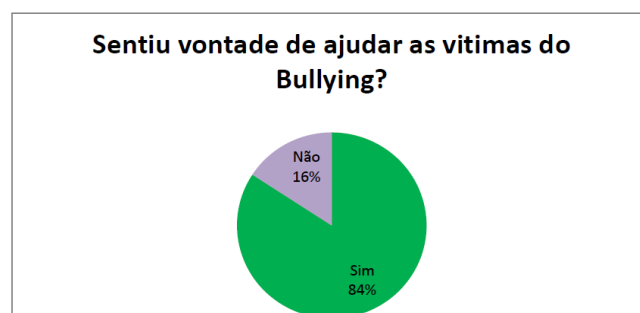
Com a questão que buscou investigar se os indivíduos que tivessem presenciado algum tipo de violência se eles se sensibilizaram com a vítima e quiseram ajudar, obteve-se que 84% afirmaram que já foram em algum momento plateia de algum tipo de Bullying, enquanto que 16% disseram que não presenciaram nenhum ato desse tipo (Gráfico5).

Gráfico 5: Porcentagem de indivíduos que já presenciaram e que não presenciaram Bullying.



Entre os 84% de indivíduos que afirmaram ter presenciado alguma cena de Bullying, 84% afirmaram que tiveram vontade de ajudar as vítimas, enquanto que 16% não (Gráfico 6).

Gráfico 6: Porcentagem de indivíduos que ajudam as vítimas de Bullying.



CONCLUSÃO

O Bullying pode levar o indivíduo a transtornos psicológicos que futuramente pode levá-lo ao suicídio (PEREIRA, 2012), diante disto, atentar contra a vida alheia é infringir os direitos humanos que todo cidadão tem de viver e desfrutar das coisas dessa vida.

Com o trabalho finalizado, pode-se constatar que no Centro Pedagógico da EBAP/UFG, a maioria dos indivíduos que sofreu Bullying também é, como os dados pesquisados, do gênero masculino e que os agressores fizeram esses indivíduos sofrer de uma forma ou de outra. Acredita-se também que esses agressores desejavam demonstrar de maneira truculenta sua masculinidade.

Com os dados coletados, percebeu-se que as agressões ocorreram, em grande parte, no ambiente escolar, diante disto os autores acreditam que elas devem ser cometidas além do espaço da sala de aula, estendendo-se para os espaços de descanso, lazer e outras atividades, o que demanda um cuidado urgente dos profissionais da Escola, uma vez que, desde 2015, o Bullying faz parte de um Programa Federal de Combate e a Intimidação Sistemática (Bullying).

Com o presente trabalho, deseja-se mostrar que o Bullying existe e que todos direta ou indiretamente têm alguma relação com ele, seja participando como agredido, seja sendo o agressor, seja sendo plateia.

Destaca-se que para fazer valer o Artigo 4º da Lei 13.815/15 é necessário incentivar a amizade, igualdade e também ocupações para os estudantes, bem como o trabalho da autoestima para evitar que tais atos aconteçam no ambiente escolar. Mudanças de hábitos e comportamentos podem gerar uma série de consequências.

Destaca-se ainda que quando o Bullying é praticado, pode criar novos agressores para a sociedade e em alguns casos as “brincadeiras” podem ultrapassar os muros da escola e evoluir para caso policial, principalmente se induzir a pessoa a tentar cometer inclusive suicídio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/253144600/lei-13185-15>>. Acesso em 10 de agosto de 2017.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying – Cartilha 2010 Projeto Justiça nas Escolas**. Brasília. 2010. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/glossarios-e-cartilhas/cartilha_bullying.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2017.

INÁCIA, Maria ; OLIVEIRA, Thaigo Augusto Costa De. **Bullying na escola**. Nova Odessa – SP. 2016. Disponível em: <http://www.nwk.edu.br/intro/wp-content/uploads/2014/05/Educa%C3%A7%C3%A3o-F%C3%ADsica-s%C3%B3-falta-capa.pdf#page=89> – Acesso em 10 de agosto de 2017.

EL PAÍS. **Assim funciona um colégio ante assédio**. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/29/internacional/1454084062_497805.html - Acesso em 10 de agosto de 2017.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying mente perigosas nas escolas**. Ed. Principium. 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=UUgHCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=Resolu%C3%A7%C3%A3o+contra+o+Bullying+nas+escolas&ots=Y18dQqE55C&sig=V7y5v3n-zVEzzcTh9vndYygW3uY#v=onepage&q=Resolu%C3%A7%C3%A3o%20contra%20o%20Bullying%20nas%20escolas&f=false> – Acesso em 11 de agosto de 2017.

BRASIL. **Decreto Lei 2848/40**. S/D. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10625219/artigo-122-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>. Acesso em 11 de agosto de 2017.

BRASIL. **Decreto Lei 13.18**. 2015 – Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm – Acesso em 11 de agosto de 2017.

CLAUDIA. **5 frases de Paulo Freire que farão você refletir sobre o dilema de educar**. 2016. – Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/noticias/5-frases-de-paulo-freire-que-farao-voce-refletir-sobre-o-dilema-de-educar/> - Acesso em 12 de agosto de 2017.

PEREIRA, Kris Kristoferson. **Consequências e implicações do Bullying no ambiente escolar**. Belo Horizonte. 2012. – Disponível em: <http://www.arco.org.br/artigos/consequencias-e-implicacoes-do-bullying-nos-envolvidos-e-no-ambiente-escolar/> - Acesso em: 12 de agosto de 2017.